



Diálogos

ISSN 2177-2940



Tradição e modernidade no Brasil: o conservadorismo culturalista de Gilberto Freyre

 <https://doi.org/10.4025/dialogos.v27i2.63853>

Carlos Henrique Gileno

 <https://orcid.org/0000-0001-8425-673X>

Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (UNESP). Araraquara-SP, BR

E-mail: henrique.gileno@unesp.br

Rodrigo Dantas de Medeiros

 <https://orcid.org/0000-0002-8825-2485>

Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (UNESP). Araraquara-SP, BR

E-mail: rodrigo.medeiros@unesp.br

Tradition and modernity in Brazil: the culturalist conservatism of Gilberto Freyre

Abstract: The purpose of this article is to contribute to future academic analyzes on culturalist conservatism inscribed in the intellectual trajectory of Gilberto de Mello Freyre (1900-1987) from Pernambuco. Culturalist conservatism is one of the conservative lineages constant in political and social thought in Brazil, past and present. Methodologically, we describe the European and North American intellectual heritages that influenced Freyrean thought. That conservatism had its genesis in the Victorian British authors, with whom Gilberto Freyre kept in touch during his youth in the United States and Europe, notably at the University of Oxford.

Key words: Gilberto Freyre; culturalist conservatism; tradition; modernity; political and social thought in Brazil.

Tradición y modernidad en Brasil: el conservadurismo culturalista de Gilberto Freyre

Resumen: El objetivo de este artículo es contribuir a futuros análisis académicos sobre el conservadurismo culturalista inscrito en la trayectoria intelectual del pernambucano Gilberto de Mello Freyre (1900-1987). El conservadurismo culturalista es uno de los linajes conservadores constantes en el pensamiento político y social en Brasil, pasado y presente. Metodológicamente, describimos las herencias intelectuales europeas y norteamericanas que influyeron en el pensamiento freyreano. Ese conservadurismo tuvo su génesis en los autores británicos victorianos, con quienes Gilberto Freyre se mantuvo en contacto durante su juventud en Estados Unidos y Europa, especialmente en la Universidad de Oxford.

Palabras clave: Gilberto Freyre; conservadurismo culturalista; tradición; modernidad; pensamiento político y social en Brasil.

Tradição e modernidade no Brasil: o conservadorismo culturalista de Gilberto Freyre

Resumo: O objetivo deste artigo é contribuir para análises acadêmicas futuras sobre o conservadorismo culturalista inscrito na trajetória intelectual do pernambucano Gilberto de Mello Freyre (1900-1987). O conservadorismo culturalista é uma das linhagens conservadoras constantes no pensamento político e social no Brasil do passado e do presente. Metodologicamente, descrevemos as heranças intelectuais europeia e norte-americana que influenciaram o pensamento freyreano. Aquele conservadorismo teve a sua gênese nos autores britânicos vitorianos, com os quais Gilberto Freyre manteve contato durante a mocidade nos Estados Unidos e na Europa, notadamente na Universidade de Oxford.

Palavras-chave: Gilberto Freyre; conservadorismo culturalista; tradição; modernidade; pensamento político e social no Brasil.

Recebido em: 16/10/2022

Aprovado em: 25/01/2023

A obra de Gilberto Freyre apresenta importantes ponderações teóricas relativas ao processo de constituição do conservadorismo culturalista no Brasil. No século XX, o debate acadêmico sobre o conservadorismo culturalista era modesto se o cotejarmos com pesquisas correspondentes ao conservadorismo estatista, cujo influxo orientou cientistas sociais brasileiros, destacando-se os trabalhos de Bolívar Lamounier, Gildo Marçal Brandão (1949-2010) e Wanderley Guilherme dos Santos (1935-2019) (LYNCH; PAGANELLI, 2017b). Apoiados em metodologias distintas, os autores investigaram as bases históricas do conservadorismo estatista, reputadas autoritárias ao fundarem um Estado centralizador que poderia manter a unidade territorial.

Bolívar Lamounier destaca que o pensamento autoritário na Primeira República (1889-1930) era formado por conservadores estatistas que pretendiam revigorar o Estado centralizador para estabelecer uma burguesia agroexportadora que detinha plenos poderes econômicos e políticos (LAMOUNIER, 2007). Gildo Marçal Brandão constata que o conservadorismo estatista forneceu a diretriz dos grupos políticos dominantes originados no século XIX.¹ Wanderley Guilherme dos Santos ressalta que os conservadores estatistas promoveram, sobretudo no início da década de 1840, a extinção dos focos de resistência ao predomínio do poder centralizado, intensificando as reformas nas instituições políticas para evitar a descentralização excessiva do Império do Brasil (SANTOS, 1978).

O conservadorismo estatista se identifica ideologicamente com a centralização administrativa e política, e a função da intervenção estatal seria tutelar os direitos civis e políticos (BRANDÃO, 2005). Aquele arcabouço ideológico foi absorvido pelos intelectuais e políticos socialistas, mormente após o término dos governos militares (1964-1985) e da subsequente hegemonia progressista no Poder Executivo federal no primeiro quartel do século XXI (LYNCH, 2017b). Desde a segunda metade do século passado, a tradição do poder centralizado presente no conservadorismo estatista estava impregnada nos socialistas, que intentaram paulatinamente revogar as suas raízes conservadoras. A apropriação desse conservadorismo pode ser caracterizada pela presença de um Estado intervencionista para proteger direitos civis e políticos ao planejar políticas públicas de gênero, racial e de redistribuição de renda.

A compreensão dos aspectos conceituais do conservadorismo no Brasil depende da circunscrição das suas linhagens de pensamento europeias e norte-americanas. O conservadorismo teve a sua base nos textos do pensador e político irlandês Edmund Burke (1729-1797). Apesar de

1 De modos diversos, o conservadorismo estatista tem os seus principais representantes no oitocentos em José Paulino Soares de Souza, visconde de Uruguai (1807-1866), e nos meados do século XX em Francisco José de Oliveira Vianna (1883-1951).

não utilizar o termo “conservador”,² o seu livro *Reflexões sobre a Revolução na França* (1790) fundamentou conceitualmente o conservadorismo moderno (BURKE, 2014).

O conservadorismo é um estilo de pensamento que se potencializou com o dinamismo da moderna sociedade de classes, tornando-se reação cultural e política ao iluminismo europeu. Edmund Burke exaltava a política conciliatória da Revolução Gloriosa inglesa (1688) e depreciava os métodos políticos jacobinos empregados na Revolução Francesa (1789).³ O discurso de Edmund Burke favorecia o governo parlamentar e as minorias religiosas, e a elite política deveria resistir às paixões ideológicas que poderiam abrir sendas para o despotismo ou a anarquia (LYNCH, 2017a). A atuação prudente do estadista - orientada pela experiência do passado - o prepararia para evitar transformações pautadas pelo radicalismo revolucionário.

No século XX, o sociólogo húngaro Karl Mannheim (1893-1947) refletiu sobre as diferenças conceituais existentes entre o tradicionalismo e o conservadorismo. O tradicionalismo defendia incondicionalmente a vigência dos antigos padrões sociais do Ocidente europeu. De outro modo, o conservadorismo político não era totalmente contrário às modificações culturais e sociais engendradas pela modernidade, pois apreendia aquelas mudanças ao mesmo tempo em que advogava atitude consciente e reflexiva para a manutenção de determinados costumes seculares do povo (MANNHEIM, 1982).⁴

Ao enaltecer determinadas organizações sociais seculares que cumpriam a função de intermediar as relações estabelecidas entre os indivíduos e o Estado,⁵ despontavam simultaneamente as críticas do conservadorismo à excessiva centralização estatal e a sua aprovação de mudanças sociais habitadas às conexões culturais e políticas entre passado, presente e futuro (FERREIRA; BOTELHO, 2010). Em outros termos, as transformações são inevitáveis no decurso histórico, porém devem preservar sentido de continuidade ao dignificar valores do passado enraizados na cultura popular (KIRK, 2014, p. 103; TORRES, 2016, p. 40).

Diferentemente do moderno pensamento conservador que vicejou na Europa Ocidental nos séculos XVIII e XIX, na América Latina o conservadorismo entrou em conflito com o passado colonial. A nova ordem política - resultante da Independência de 1822 - coexistia com a estrutura social e econômica da antiga colônia baseada na produção dos grandes proprietários rurais (RICUPERO, 2010, p. 79). No Brasil, o conservadorismo incorporou duas principais linhagens de

2 A palavra “conservadorismo” não era um termo político utilizado na época de Edmund Burke.

3 Os jacobinos apoiavam mudanças extremistas na França, sendo contrários à restauração monárquica ao defenderem o estabelecimento de uma República. Ficaram conhecidos como grupo radical, principalmente por suas atuações políticas no Período do Terror francês (1793-1794).

4 A tradição - quando é caracterizada por uma articulação entre o presente e o passado - pode conter novas soluções para problemas vindouros, ocasionando conexão entre tradição e modernidade. Por sua vez, o tradicionalismo estabelece como conduta uma vivência passada inalterável.

5 Entre estas organizações seculares estavam a religião, a família, a aldeia e as corporações de ofício.

pensamento: o conservadorismo estatista - ou reformista estatal - e o conservadorismo culturalista.

O primeiro censurava a sociedade colonial que transmitira ao Brasil independente instituições anacrônicas. Contudo, a imensa extensão territorial poderia engendrar potencialidades ao organizar um Estado centralizador dirigido pelas elites econômicas, intelectuais e políticas (LYNCH, 2017b; BRANDÃO, 2005, p. 46). A segunda, a despeito das críticas ao ordenamento das relações econômicas e políticas da Colônia, destacava que a sociedade brasileira usufruía das benévolas influências do Cristianismo, da natureza exuberante e dos agentes históricos que capitanearam a consolidação da Monarquia Constitucional Parlamentar em 1824.

O conservadorismo culturalista no Brasil tendia à valorização dos supostos benefícios sociais herdados da sociedade patriarcal ou familiar, ibérica e católica.⁶ Por conseguinte, revelava - diferentemente do conservadorismo estatista - maior afinidade teórica com o conservadorismo culturalista clássico inglês. Nos primeiros artigos de Gilberto Freyre escritos na década de 1920, verificamos igualmente a incorporação de autores espanhóis que valorizavam a tradição, uma vez que se reporta constantemente aos pensadores hispânicos Miguel de Unamuno y Jugo (1864-1936), Ángel Ganivet García (1865-1898) e José Ortega y Gasset (1883-1955).

O autor [Gilberto Freyre] era leitor desses intelectuais, principalmente daqueles da geração de 98, mas também dos da geração de 14. Entra em contato com essa obra desde seu período de formação nos Estados Unidos. Depois dos acontecimentos de 30, ao refugiar-se em Portugal, reforça esse vínculo, agora mais perto daqueles pensadores que integram a chamada Escola de Madri (BASTOS, 2003, p. 10)

Gilberto Freyre preconizou a organização rural e patriarcal do Brasil fundada no Cristianismo e nas tradições ibéricas. A salvaguarda desses costumes e tradições é o componente indispensável da definição inicial do seu pensamento conservador. No despontar do século XXI, o interesse pelos tópicos concernentes ao conservadorismo culturalista adquiriu maior vigor. Atualmente, o conservadorismo culturalista ocupa significativa parcela das instâncias intelectuais e políticas antes monopolizadas pelas análises do conservadorismo estatista. A finalidade deste artigo é retratar algumas particularidades contidas no conservadorismo culturalista brasileiro, especialmente nos aspectos teóricos consignados na obra de Gilberto Freyre.

As raízes do conservadorismo cultural e as conexões com o pensamento de Gilberto Freyre

O escritor e filósofo inglês Roger Vernon Scruton (1944-2020) descreveu as singularidades históricas do conservadorismo culturalista inglês. O fortalecimento político e social da classe

6 Em um primeiro momento, o político e romancista José de Alencar (1829-1877) evidenciou teoricamente o conservadorismo culturalista ao defender as tradições políticas e sociais ibéricas, sendo utilizado, posteriormente, por Gilberto Freyre (ALENCAR, 1979; LYNCH, 2017b; RICUPERO, 2010, p. 80).

trabalhadora nas cidades ocasionou a formação da identidade do proletariado urbano, que gradualmente elegeu representantes no Parlamento britânico. Os movimentos socialistas e liberais surgiram com maior ênfase no decorrer da segunda metade do século XIX, deparando-se com as críticas do conservadorismo que os considerariam os seus principais oponentes ideológicos no início do século posterior. Todavia, o pensamento conservador é formado por diversas vertentes teóricas, e uma delas deixou de priorizar o poder estatal e a política ao centralizar a sua atuação social na esfera da cultura.

A eclosão populacional ocorrida nos meios urbanos entre os séculos XVIII e XIX retirou os indivíduos das suas bases tradicionais que fincavam raízes profundas no meio rural, ocasionando na Inglaterra convulsão social e religiosa. Ao aumento da população nos centros industriais ingleses foram incluídas questões advindas da emancipação católica. A assinatura do Ato de União de 1800 com a Irlanda - que estabeleceu amplos direitos aos católicos irlandeses - ensejou discussões sobre as relações entre o Estado e a Igreja, sobretudo a função social desempenhada pelo Cristianismo naquela sociedade. Em linhas gerais, era este o contexto histórico e intelectual corrente na França do escritor católico e diplomata François-René de Chateaubriand (1768-1848), autor de *O Gênio do Cristianismo* (1802) que influenciou os conservadores culturalistas ingleses.

Em contrapartida, os católicos ortodoxos franceses receberam os ideais de Edmund Burke e os adaptaram a um território convulsionado pela Revolução Francesa, contestadora radical das tradições religiosas. Os então novos conservadores franceses se apoiaram na tradição católica como reação ao terror revolucionário jacobino que defendia a supremacia da razão e do progresso, os quais deveriam ser organizados de cima para baixo ao se fundarem em princípios oriundos do socialismo utópico constante nos textos de Claude-Henri de Rouvroy, conde de Saint-Simon (1760-1825).

De certa forma, a Revolução Industrial provocou na Inglaterra dispersão dos costumes seculares, com o pensamento revolucionário acentuando a necessidade de reformar ou suprimir instituições tradicionais. Mesmo que de forma mais amena, mudança parecida com a francesa ocorreu em terras inglesas. O utilitarismo inglês encontrou em Jeremy Bentham (1748-1832) o seu principal expoente, o qual colocava a felicidade como objetivos legais e morais. Este pensamento preconizava que as leis deveriam se comprometer com a felicidade de toda a comunidade. As obras de Jeremy Bentham tornaram-se o sustentáculo teórico de reformadores políticos como James Mill (1773-1836) e o filósofo John Stuart Mill (1806-1873).

Os acontecimentos no início do século XIX evidenciavam para alguns intelectuais e políticos conservadores a necessidade de alterar o campo de ação ao iniciar reação contra a desumanização provocada pela mercantilização das relações sociais derivada da Revolução

Industrial, da supressão das raízes da religião e da perda dos antigos modos de vida. Em particular, pautaram-se pela aversão ao progressismo escorado exclusivamente na razão cientificista.

[...] tudo isso criou a sensação de que algo precioso estava em risco no desdobrar do novo século. Assim surgiu um movimento, no interior do conservadorismo intelectual, que propunha a cultura como remédio para a solidão e alienação da sociedade industrial e também como coisa mais ameaçada pelos novos defensores da reforma social. O movimento começou com Coleridge e continuou com John Ruskin e Matthew Arnold, até chegar a T.S. Eliot e F.R. Leavis na Inglaterra do século XX e a seus contemporâneos “agrários sulistas” nos Estados Unidos. (SCRUTON, 2019, p. 69)

Intelectuais como Matthew Arnold, John Ruskin e T. S. Eliot - responsáveis por estabelecerem as bases do conservadorismo culturalista na Inglaterra - influenciariam o pensamento de Gilberto Freyre, principalmente durante a sua viagem aos Estados Unidos na década de 1920 e no período em que frequentou a Universidade de Oxford. Esses autores foram citados pelo autor pernambucano em diversos artigos publicados entre os anos de 1918 e 1926, quando abordava temas caros ao conservadorismo cultural.

Do ponto de vista metodológico, o conceito de conservadorismo culturalista desenvolvido por Gilberto Freyre - direta ou indiretamente - direcionou e adaptou aquele pensamento exógeno para interpretar a sociedade brasileira, como outrora Joseph de Maistre (1753-1821) e Louis Gabriel-Ambroise, visconde de Bonald (1754-1840) conciliaram os ideais de Edmund Burke à realidade francesa.

O poeta e ensaísta inglês, Samuel Taylor Coleridge (1772-1834), iniciou o movimento intelectual do conservadorismo culturalista na Inglaterra. Coleridge rechaçou a ideia de progresso humano contínuo orientado pela ciência positivista ao observar que a razão iluminista detraía as relações humanas fundadas no convívio cotidiano e que formavam os costumes populares.

Coleridge defendia a redução da desigualdade através da intervenção do governo na economia, da defesa da universalização da educação e da redistribuição de renda mais equitativa. Estes pontos definiriam a agenda do conservadorismo cultural na Inglaterra, que se opunha ao livre mercado exacerbado propugnado pelos liberais. Coleridge era partidário da apologética da religião católica na França efetuada por René Chateaubriand, levando-o a defender a Igreja Anglicana em *On The Constitution of the Church and State* (1830), onde procurava a reconciliação da ordem política e constitucional com os cânones religiosos.

Aqui, como em outros lugares, defendeu a visão de que a cultura é um mediador indispensável entre a lei explícita e o sentimento social implícito e afirmou a importância da “clerisy”, ou classe esclarecida, à qual a

cultura de uma nação é consignada e que, ao tomar decisões informadas em nome dessa cultura, age em sintonia com os profundos e não vocalizados instintos do povo. Seus argumentos pela indispensabilidade da cultura modelaram muitas das expressões do conservadorismo cultural do século XIX, além de terem despertado J.S.Mill para as falhas do credo utilitarista. (SCRUTON, 2019, p.71-72)

Contudo, o principal expoente inglês que expôs com maior sistematicidade os conceitos do conservadorismo cultural foi o crítico social, desenhista e escritor John Ruskin (1819-1900). Ao tratar do caráter imprescindível da herança dos valores católicos para os aspectos espirituais constantes na cultura, preconizou a criação de instituições que preservassem determinados costumes populares, como a *Society for the Preservation of Ancient Buildings* e a *National Trust*.

Autor do livro *As pedras de Veneza* (1851-1853), John Ruskin destacou a perda dos antigos padrões culturais formados pelos costumes populares com o advento do capitalismo industrial. Denunciou na modernidade a degeneração do trabalho causado pela produção em série e a diminuição do tempo livre do trabalhador para a criação artística. John Ruskin admitia que o trabalho realizado na Idade Média pelos artesãos era um ato de santificação e piedade perante Deus: a unidade da fé refletia na arte e no visual das suas obras, fazendo dos trabalhos dos artesãos medievais uma arte que nortearia as suas redenções espirituais.

Por sua vez, Gilberto Freyre criticou a arquitetura e as mudanças urbanísticas modernistas que aportavam no Brasil do primeiro quartel do século XX. Ao escrever na década de 1920, apontava ironicamente que o Brasil deveria receber o epíteto de “devastador do passado”, pois destruía suas tradições com o ímpeto furioso dos “dadaístas” (FREYRE, 2016).

[...] Para se entender corretamente o dadaísmo, convém distinguir uma estrutura superficial e uma estrutura profunda. No nível superficial, se apresenta como o mais radical movimento na História da Arte. Chega-se aos extremos limites do que se aceita por arte, o que se explica pela visão do mundo em que se fundamenta: subversiva, niilista, anárquica, cética, destrutiva [...] Desacredita-se da razão e de seus mitos, não se acata nenhuma autoridade, reclama-se liberdade absoluta, não se submete a convenções, põe-se tudo em dúvida. Pratica-se uma política de terra arrasada, não se deixa pedra sobre pedra, não resta um só valor. Note-se que se cultiva a destruição pela destruição e se usa, como arma de combate, a sátira, a galhofa. Não se leva nada a sério. O dadaísmo ri-se de tudo. Há muita analogia entre o dadaísmo e a filosofia cínica [...] (TRINGALI, 1990, p. 28)

Gilberto Freyre acreditava que somente a cidade de Ouro Preto simbolizava na sua época o Brasil profundo, considerada verdadeiro “santuário” da personalidade nacional. Inversamente, as cidades de Iguaçu e Olinda - que sofriam a demolição dos seus monumentos históricos pela intervenção arquitetônica modernista - representavam a ruína do passado cultural do Brasil

(FREYRE, 2016). Gilberto Freyre foi partidário do conservadorismo culturalista de John Ruskin, que era “[...] fervorosamente antiutilitarista e anticapitalista, mas mesmo assim, distanciou-se do socialismo, escrevendo desdenhosamente sobre os valores igualitários e materialistas desposados pelos socialistas” (SCRUTON, 2019, p. 73). Os pontos centrais do pensamento conservador de John Ruskin estavam na arte, na moral e na espiritualidade presentes na estética neogótica.

Na América, (e mais especificamente para o caso do Brasil), essas produções [neogóticas] também encontraram eco nas cidades e mesmo nas áreas rurais no século XIX e primeiras décadas do século XX, refratando-se em diversos significados e apropriações, nem sempre correspondentes ao que se percebia e partilhava em solo europeu. A historiografia da arquitetura nacional, contendo uma gama de estudos largamente situados num partido modernista, aponta essa produção entre eclética e romântica, acusada de mera imitação de formas do passado e não correspondentes à cultura e realidades locais. (OLIVEIRA NETO, 2015, p. 122)

Gilberto Freyre argumentava favoravelmente à preservação estética contida nos monumentos históricos que, na década de 1920, careciam de proteção oficial do Estado. Os restos do Brasil antigo resistiam parcamente ante discussões vazias de senhores de “fraque” que comandavam os institutos governamentais, os quais deveriam na prática promover políticas públicas direcionadas à preservação do patrimônio material e imaterial da sociedade brasileira (FREYRE, 2016). As ações de William Morris e John Ruskin para proteger as antiguidades na Inglaterra provocaram:

[...] toda uma literatura de amor pelos velhos edifícios, pelas velhas igrejas, pelos velhos móveis - esses em que se sente a carícia das mãos criadoras do *magister in arte fabricaturae*. E penso às vezes que foi essa literatura de ação - não só dos Morris como dos Ruskin - o que principalmente contrariou na Inglaterra e nos Estados Unidos a vitória absorvente da Máquina e do chamado Progresso. (FREYRE, 2016, p. 323)

Observamos que Gilberto Freyre teve contato com a obra de John Ruskin ao exaltar a necessidade de estabelecer para a juventude celebração oficial da tradição brasileira: ao peregrinarem pelos edifícios antigos que deveriam servir de inspiração às construções modernas, haveria espécie de retorno místico ao Brasil dos nossos avós. A cultura brasileira deveria proporcionar amálgama da tradição e da modernidade, fazendo emergir um “tipo nacional de cultura” diversa do “[...] ridículo do atual “futurismo” dum grupo de rapazes de São Paulo” (FREYRE, 2016, p. 324).⁷ A exaltação de construções históricas e antigas e a crítica ao modernismo que pretendia extinguir as antigas expressões arquitetônicas podem ser consideradas a essência do

⁷ Gilberto Freyre estava se referindo aos participantes da Semana de Arte Moderna de 1922, ocorrida em São Paulo.

conservadorismo culturalista de John Ruskin.

Outro expoente teórico do conservadorismo culturalista foi o crítico e poeta Matthew Arnold (1822-1888), que esperava restaurar a fé formadora das raízes da cultura inglesa e das catedrais neogóticas. A fé deveria ser cultivada na subjetividade das pessoas ao respeitarem o “[...] legado da cultura, que nos fornece o conhecimento social do qual necessitamos, tenhamos ou não uma fé religiosa na qual apoiá-lo” (SCRUTON, 2019, p.74).

Em sua obra, *Culture and Anarchy* (1869), Matthew Arnold definiu cultura como a busca pelo perfeito no conhecimento de todas as áreas do saber pretéritas e presentes que compõem conceitos e hábitos. Severo crítico do repertório ideológico do liberalismo e do utilitarismo, rejeitava a visão materialista e racionalista do progresso da humanidade. Gilberto Freyre realizou avaliação semelhante à de Mathew Arnold ao denunciar na sociedade brasileira do início do século XX o avanço dos interesses materiais advindos do progresso do capitalismo moderno em detrimento da formação secular dos nossos costumes populares fundada nas tradições regionais.

A expressão entre nós do industrialismo e do capitalismo - inevitavelmente nestes próximos anos - onde nos levará, dada nossa indigência de reservas de idealismo que sirvam de corretivo à volúpia de materialidade? Nosso falado progresso nacional vai tomando o ar horrível duma civilização do conforto físico - espécie de edição melhorada e aumentada do 202 de Jacinto: bons elevadores, bons fogões elétricos, bons lavatórios, bons *water closets*, bons automóveis. Não reagiremos em tempo? (FREYRE, 2016, p. 315)

Os comentários principais de Matthew Arnold direcionaram-se contra a crença indiscriminada no progresso materialista e nos valores do utilitarismo que pautavam a sociedade inglesa, enfatizando a importância da continuidade da tradição de Edmund Burke.

No geral, os conservadores culturais partilhavam suas reservas em relação ao capitalismo industrial e sua crença de que a ativa intervenção estatal era necessária para melhorar as condições dos pobres. Mesmo assim, eles se atinham à crença nas coisas da mente – educação, arte e valores estéticos – e, para todos eles, era a beleza, e não a utilidade, que permanecia no topo da agenda política. (SCRUTON, 2019, p. 76)

De modo idêntico, o poeta estadunidense Thomas Stearns Eliot (1888-1965) deslocou a relevância do conservadorismo culturalista na política para as artes. Em seus ensaios e poemas, T. S. Eliot contribuiu para moldar o pensamento conservador no decorrer do século XX. Em *Quatro quartetos* (1943), relatou que a “[...] tradição espiritual que em nossas vidas cotidianas parece morta e enterrada persiste nos locais e símbolos sagrados”.

Podemos aceitar ou rejeitar a ideia de uma sociedade cristã; porém, se vamos aceitá-la, devemos tratar o

cristianismo com muito mais respeito intelectual do que é nosso costume; devemos tratá-lo como sendo, para o indivíduo, uma questão fundamentalmente de pensamento, e não de sentimento. (ELIOT, 2016, p. 48)

Gilberto Freyre analisou algumas obras de T. S. Eliot, discorrendo sobre a interpretação intelectual e sociológica do cristianismo - e não teológica como fizera T. S. Eliot - para interpretar a sociedade brasileira (FREYRE, 2010). O poeta estadunidense afirmava que a sociedade cristã formada pela Igreja produzira compreensão sobrenatural - consciente ou inconsciente - da vida em sociedade ao influenciar o direito e a administração, com indivíduos e grupos sociais envolvidos culturalmente pelas tradições cristãs. Gilberto Freyre falava em “cristãos sociológicos”, ideia similar à “comunidade cristã” descrita por T. S. Eliot.

O que procurei destacar foi a amplitude do cristianismo como fenômeno sociológico e cultural dos nossos dias. A amplitude da cristandade como imenso parque de cultura, a que o Brasil pertence como resultado do esforço da colonização portuguesa: a colonização que primeiro desbastou a mata grossa desta parte da América. Na defesa de tal cristianismo-cultura é que me parece coincidir com o interesse dos católicos conscientes e ortodoxos o interesse dos que, não sendo católicos nem sequer cristãos, veem na herança cultural predominantemente cristã nas suas formas e nos seus valores sociais - o conteúdo teológico constitui outro problema - de que somos todos portadores [...] (FREYRE, 2010, p. 55)

Existe conexão entre o conceito de sociedade cristã em T. S. Eliot com as interpretações de Gilberto Freyre na década de 1940. Efetivamente, os conservadores culturalistas rejeitavam o avanço da estética revolucionária - liberal ou socialista - na literatura inglesa. Progressistas como George Bernard Shaw (1856-1950) consideravam aqueles conservadores “excêntricos nostálgicos”. Entre esses “excêntricos” estavam o professor das universidades de Oxford e Cambridge, Clive Staples Lewis (1898-1963) e o ensaísta e romancista Gilbert Keith Chesterton (1874-1936), que inspiraram intelectualmente Gilberto Freyre.

Elencamos alguns intelectuais que formaram e fundamentaram o conservadorismo culturalista na Inglaterra. Resgatamos as matrizes dessa vertente de pensamento que não ficou restrita ao mundo anglófilo. Por exemplo, o conservadorismo culturalista, como reação ao Iluminismo, era parte integrante da obra do filósofo prussiano Johann Gottfried von Herder (1744-1803). Pupilo de Immanuel Kant (1724-1804), os seus últimos escritos criticavam a filosofia kantiana, a qual colocava o “Iluminismo como o momento de maturidade moral da humanidade, quando o indivíduo livre emergiu da prisão dos costumes e da superstição” (SCRUTON, 2019, p. 82). O argumento iluminista kantiano não convencera Herder, que o considerava interpretação superficial dos motivos morais do ser humano, reduzindo-o a “sombras supercivilizadas”.

[...] havia na psique humana uma profunda distinção entre civilização, que é a esfera do cálculo racional e da construção de instituições, e cultura, que é o temperamento partilhado de um Volk. A cultura é o que une os seres humanos em ligação mútua e consiste em linguagem, costumes, contos folclóricos e religião popular. (SCRUTON, 2019, p. 82)

A definição de cultura de Herder - ao enaltecer a linguagem, os costumes, os contos folclóricos e a religião popular como princípios que caracterizam o conservadorismo culturalista - constituía o cerne da defesa de Gilberto Freyre da língua portuguesa como elemento fundamental na formação da sociedade brasileira: “[...] instrumento nacional único de intercomunicação verbal entre os brasileiros de todas as regiões e de todas as procedências, não só por sentimento de tradição como por necessidade prática de articulação das mesmas regiões em nação” (FREYRE, 2010, p. 25).

Acentuou a necessidade da preservação dos contos folclóricos e das superstições nacionais ao criticar os “espíritos emancipados”, adeptos das teorias de Auguste Comte e John Stuart Mill. Gilberto Freyre indicava que o positivismo e o utilitarismo propugnavam o fortalecimento da pedagogia racional ao pretenderem substituir os livros de história - inclusive de história sagrada - pelos compêndios de história natural, desestimulando a difusão dos contos e das superstições que formavam o imaginário popular brasileiro: “As superstições predispõem a criança para a alta espiritualidade” (FREYRE, 2016, p. 453). O incentivo da imaginação e da espiritualidade infantil estava nos contos e superstições, orientando-o a escrever *Assombrações do Recife Velho* (1955), onde resgatava um passado tocado pelo sobrenatural, folclórico e erudito (FREYRE, 2007).

Gilberto Freyre entendia que a culinária era parte essencial da cultura a ser preservada. Um paladar desnacionalizado é a descaracterização cultural da nação, demonstrando mais uma vez a preponderância da análise da arquitetura efetuada por John Ruskin de um país, transportando-a para a culinária. Em 1939, Gilberto Freyre publicou o livro *Açúcar* para incentivar o reconhecimento antropológico, cultural e social das velhas receitas de doces e guloseimas que permaneciam no cotidiano popular da sociedade brasileira desde a Colônia.

Há perigo num paladar desnacionalizado. O paladar é talvez o último reduto do espírito nacional; quando ele se desnacionaliza está desnacionalizado tudo o mais. Opinião de Eduardo Prado. “Há sentimento tradição, culto da família, religião, no prato doméstico, na fruta ou no vinho do país”, escreveu Joaquim Nabuco. E há. Nada mais inglês que o pudim de ameixa; nada mais português que a bacalhoad; nada mais brasileiro que o pirão. Divino pirão! Nunca no Brasil se pintou um quadro nem se escreveu um poema nem se plasmou uma estátua nem se compôs uma sinfonia que igualasse em sugestões de beleza a um prato de pirão. (FREYRE, 2016, p. 345)

A culinária é notabilizada no conservadorismo culturalista de Gilberto Freyre para a sua interpretação das particularidades da cultura brasileira. Esse conservadorismo floresceu na Europa e nos Estados Unidos da América, adquirindo contornos próprios. Neste último país, o conservadorismo culturalista se originou no período da Guerra Civil (1861-1865).

Naquele período, Henry David Thoreau (1817-1862) escreveu o livro *Walden* (1854), relatando a sua vida solitária cercada pela natureza para a busca da descoberta espiritual. Porém, o conservadorismo culturalista nos Estados Unidos da América obteve a sua real força com a publicação do manifesto *I'll Take My Stand* (1930), escrito por doze escritores agrários sulistas e liderados não oficialmente pelo poeta John Crowe Ransom (1888-1974), que ressaltava a teoria do agrarianismo ao declarar que a cultura do solo é a maior das vocações.

[...] os profundos sentimentos de perda experimentados pelos estados do sul. Os escritores acreditavam que a rápida urbanização dos Estados Unidos, o crescimento das cidades e a aceleração de todos os encontros humanos causada pelos automóveis e pela mídia de comunicação em massa haviam desligado os americanos tão completamente do solo que eles já não se sentiam em casa em seus próprios campos. Alguns se arriscaram a declarar explicitamente seu pesar pelo resultado da guerra civil, que levava primeiro à representação distorcida do modo sulista de vida e, depois, à extinção desse modo de vida pela cultura industrial do norte. (SCRUTON, 2019, p. 84)

Gilberto Freyre conheceu a região sulista quando estudava na Universidade de Baylor no começo do século XX, fase em que visitou as fazendas da região. Por fim, outro tipo de conservadorismo cultural estritamente acadêmico nos Estados Unidos nasceu com a ciência política desenvolvida por Leo Strauss (1899-1973). As características práticas e teóricas daquele conservadorismo não se encontravam nos conflitos políticos, mas na tentativa de intensificar a atuação na arena da literatura e da vida acadêmica, mostrando-se apreensivo com o crescimento da “[...] cultura de massa, das políticas democráticas e das novas doutrinas progressistas” (SCRUTON, 2019, p. 86).

O conservadorismo culturalista contemporâneo retrata essencialmente a realidade das peculiaridades históricas inglesas. Nos países de língua alemã assumiu outras características ao cunhar o conceito de *Volk*. Nos Estados Unidos da América, desenvolveu-se em conexão com a vida agrária do sul, ou do *Bible Belt*. No Brasil, o conservadorismo de Gilberto Freyre se adaptou às particularidades da sociedade nacional ao criticar o conceito de cultura de Matthew Arnold.

Matthew Arnold deixou-nos da cultura o famoso conceito: apropriar-se do que há de melhor. O conceito peca pelo que tem de acomodaticio: o que há de melhor para Arnold era o que oficialmente, historicamente, havia de melhor no seu tempo. Seu conceito reduz-se, num símile, a este ridículo: prover-se de cultura é como

prover-se duma linda dentadura postiça. Não seria o processo um esforço íntimo e criador, mas a plasticidade a pressões exteriores. (FREYRE, 2016, p. 338)

O conservadorismo culturalista introduzido por Gilberto Freyre seguiu as especificidades das naturezas tropicais brasileiras e as suas tradições herdadas da cultura portuguesa firmada nos valores sociais advindos do “cristianismo-cultura”. Ao romper com o pensamento autoritário embasado no conservadorismo estatista que vigorava na década de 1930, trouxe nova forma de interpretar o país. A sua perspectiva culturalista não estava subordinada às pesquisas sobre o Estado e a política, mas em conhecimento profundo da cultura dos “brasis” que poderiam ser unificados pelas suas tradições populares regionais.

Ensaísmo e afinidades conservadoras

A breve presença de Gilberto Freyre na Universidade de Oxford - e em outras universidades estadunidenses e europeias - instigou a sua trajetória intelectual e política.⁸ O seu entusiasmo pelo gênero ensaístico obteve crédito nas obras do poeta inglês Matthew Arnold, do ensaísta inglês Arthur Christopher Benson (1862-1925), do jornalista e escritor grego Patrick Lafcádio Hearn (1850-1904), do filósofo e poeta espanhol George Santayana (1863-1952), do poeta irlandês William Butler Yeats (1865-1939) e do escritor inglês Gilbert Keith Chesterton.

Lafcadio Hearn foi um dos autores mais citados por Gilberto Freyre em artigos de jornal da década de 1920. A sua relação com o místico, a natureza e o sobrenatural era admirada pelo intelectual brasileiro. Em artigo publicado no Diário de Pernambuco de 1924 - com a numeração “56” - declarou o seu amor pelas árvores, notabilizando a proximidade que existe no Japão entre o culto dos mortos e das árvores.

Ao enfatizar que a natureza pode aproximar o estudioso dos “compêndios de religião” cristã, Gilberto Freyre observou que as florestas desfolhadas teriam inspirado a construção das catedrais góticas. No caso japonês, a crença de que os mortos reviveriam através das flores e dos frutos reforçavam as relações estabelecidas entre natureza a morte e o misticismo. Essas ideias inspiraram a vida intelectual de Lafcadio Hearn: “Lafcadio Hearn encontrou o cemitério de Mouillage sumido num palmeiral; e no meio do palmeiral a morte lhe pareceu luminosa” (FREYRE, 2016, p. 375).

Os artistas e os místicos e os pensadores são, em geral, grandes tímidos. Tímidos de uma timidez orgulhosa. É

8 Nesse período, conviveu no meio intelectual do grupo Péguy liderado pelo intelectual católico francês Charles Péguy (1873-1914) da *Action Française* e com membros da corrente católica chestertoniana. Em Oxford, frequentou cursos sobre antropologia cultural, corrente de pensamento antropológico dominante então naquela universidade, valorizando a cultura para a compreensão das questões sociais. Disponível em: <http://www.fgv.br/cpdoc/acervo/dicionarios/verbete-biografico/gilberto-de-melo-freyre>. Acesso em: 10 dez. 2021.

o pudor do talento ou do gênio ou do saber. De Lafcadio Hearn contam-se, neste sentido, coisas interessantíssimas. E tão esquisitas que não podem ser mentira ou invenção. Lafcadio era de uma timidez de adolescente. Refluía-se todo sobre si mesmo à primeira ameaça de sociabilidade promíscua. (FREYRE, 2016, p. 376)

Outro desses autores, William Butler Yeats, Gilberto Freyre relata tê-lo conhecido pessoalmente:

Um telegrama no *Diário* de 17 último: “Paris, 15 – De Estocolmo: O Prêmio Nobel, de literatura, foi adjudicado ao irlandês Yeats”. Esse “Yeats” não é outro senão William Butler Yeats. O autor de *Irish fairy & folk tales* que me perguntara: “Há influências celtas no folclore do Brasil?”. Conheci-o há uns quatro ou cinco anos. Parece que o estou vendo alto e muito branco, as mãos esguias e muito brancas, um cabelo que dir-se-ia todo salpicado d’uma como poeira de prata. E os olhos a brincarem com a fita de seda das lunetas. Parece que o estou ouvindo falar: de Dublin, de Wilde, do sempre aguardentado Lionel Johnson – um grande místico católico, das camaradagens da *Young Ireland*. Um inglês, o seu, com um sonoro sotaque irlandês. E uma voz debussyana que parecia sempre ir sumir-se. (FREYRE, 2016, p. 316)

É digna de nota a convivência de Gilberto Freyre com autores estrangeiros que analisaram o folclore e os contos populares. No livro *Tempo morto e outros tempos – trechos de um diário de adolescência e primeira mocidade*, estão presentes as suas leituras de alguns desses autores. Em anotação de 1922, quando se encontrava em Oxford, escreveu:

É na Inglaterra que venho compreendendo o mistério de George Santayana. Sua incapacidade de fixar-se nos Estados Unidos ou de ingressar de todo na civilização ianque, por um lado; ou de “regressar” à Espanha, por outro. A. G. conheceu-o em Harvard e sentiu nele o drama da solidão: até em Harvard ele era uma alma perdida que não encontrava almas afins. (FREYRE, 2012, p. 199)

Ainda em Oxford, Gilberto Freyre anotou em seu diário as suas impressões sobre o clima intelectual da Inglaterra vitoriana.

Kolkorst me recomenda os seguintes livros sobre o ambiente de Oxford: *Sinister street*, de Compton Mackenzie, *The city in the fore-ground*, de Hopkins, outro, de Beverly Nichols. Já comecei a ler *Sinister street*. Kolkorst se admira do meu conhecimento de Pater e de Newman. Curioso: aqui quase não se fala de Oscar Wilde. É considerado vulgar. Também Chesterton é considerado subliterateo, popularesco. Uma injustiça, a meu ver. (FREYRE, 2012, p. 212)

No artigo de jornal intitulado *Acerca de Santayana*, publicado no Diário de Pernambuco em 1926, Gilberto Freyre fez elogios às obras de George Santayana e aos ensaios de Gilbert Keith

Chesterton e Walter Pater. No mesmo artigo, registrou as afinidades existentes entre Walter Pater e George Santayana, bem como a vivência do filósofo espanhol em Oxford, onde escreveu sobre os encantos da vida inglesa.⁹

Incorporando-se à tradição intelectual inglesa como à paisagem mais docemente simpática ao seu temperamento ansioso de nobre tranquilidade e de aristocrática e um tanto cética distância dos entusiasmos de momento e dos interesses de ocasião, não deixou Santayana de ser o menino espanhol, nascido como quase todo o menino espanhol à sombra de alguma catedral; e sob a devoção dalguma Nossa Senhora [...] Um dos livros mais excitantes de Santayana é o seu *Egotism in German philosophy*. Principalmente as páginas sobre Nietzsche. A Santayana - que em filosofia deixa de ser o místico de *The hermit of carmel* para limitar o interesse ao objetivo - repugnam em Nietzsche a falta de objetividade e o tumultuoso romantismo. (FREYRE, 2016, p. 582-584)

Mencionamos que o autor *de Tempo de Aprendiz* nutria especial predileção pela obra do conservador católico Gilbert Keith Chesterton, a qual aparece citada em vários dos seus livros (COELHO, 2017, p. 18). Gilberto Freyre presenciou a conferência do escritor inglês na cidade de New York na década de 1920, e citou o ensaísta inglês em diversos artigos publicados, em sua maioria, no Diário de Pernambuco nos anos 20.

Gilberto Keith Chesterton disse uma vez que as cidades falam por meio de sinais. Por meio dum como alfabeto de surdo-mudo. E estes sinais são seus palácios, suas catedrais, suas igrejas, suas estátuas, suas colunas. Lembra-me que ao visitar Chartres recordou-me um velho cômico a interpretação de Huysmans: as torres de Nossa Senhora de Chartres são como os dois dedos de bispo erguendo-se para abençoar e perdoar. Huysmans antecipara Chesterton em dizer que as cidades falam pelos sinais dos seus dedos de pedra. (FREYRE, 2016, p. 298)

Em tom confessional, Gilberto Freyre revelou a sua impressão de que vários pensadores nacionais o consideraram irritante por ter alegado que o ensaísta inglês era conhecido entre os livreiros de Lisboa, porém ignorado pela ampla maioria dos brasileiros cultos do início do século XX (FREYRE, 2016). Entretanto, a sua admiração pelo intelectual londrino era compartilhada pelo escritor conservador católico carioca Gustavo Corção (1896-1978), o qual publicou em 1946 ensaios sobre o pensamento de Chesterton, intitulados *Três Alqueires e uma Vaca*.

[...] Direi, pois, que Chesterton é um escritor grande. Sua grandeza é extensa e intensa: extensa pela enorme área de assuntos que sua obra cobriu; intensa pela força, pela viril energia com que aderiu em todos os pontos, com violência, com infatigável confiança, aos princípios básicos sobre os quais repousam os destinos do

⁹ Lembremos que Gilberto Freyre escreveu breves apresentações de alguns de seus livros de George Santayana.

gênero humano. Chesterton, no mais exato sentido, é um escritor [...] (CORÇÃO, 1953, p. 12)

O ensaísmo, a poesia e outros gêneros literários despertaram em Gilberto Freyre a propensão de revisitar o passado para elucidar os proêmios da vida familiar, da culinária, dos hábitos sexuais e dos folclores regionais.¹⁰ Ao desembarcar na Europa após o término da Primeira Guerra Mundial, deparou-se com o drama social que pairava em quase todo o território europeu.¹¹

Na Inglaterra, prosperou a sua admiração pela cultura política britânica: as relações parlamentares entre os partidos políticos conservador e liberal nunca chegavam a radicalismos extremistas, preferindo-se a “compensação e equilíbrio”. Naquele momento, a anglofilia - que o aproximara dos conservadores ingleses - induziu a sua compreensão antropológica e sociológica do Brasil. Estava convicto de que o mundo recém-saído da guerra deveria ser reorganizado pela retomada da “tradição de nossos avós” em contraposição às ideologias liberais e socialistas que propugnavam a superação definitiva dos costumes seculares desenvolvidos pelos povos (PALLARES-BURKE, 2005).

Ao conciliar a ligação da tradição com a modernidade para pensar projetos para o presente e o futuro, Gilberto Freyre repercutia a linhagem de pensamento conservadora oriunda de Edmund Burke. Retornando ao Recife, investigou a cultura brasileira, assinalando que ela possuía traços de inautenticidade ao superestimar a americanização e a europeização. A reflexão acrítica dos modelos exógenos distanciava os nossos intelectuais e políticos dos interesses inerentes às necessidades regionais.

O contato que Gilberto Freyre estabeleceu na sua juventude com intelectuais estrangeiros proporcionou a essência do seu entendimento da originalidade histórica brasileira. Professores britânicos vitorianos estimularam a sua imaginação sociológica na direção dos princípios ligados à tradição e ao regionalismo. John Ruskin, Walter Pater, Lafcádio Hearn e o romancista inglês George Robert Gissing (1857-1903) eram vitorianos que procuravam resgatar a conservação dos costumes populares na modernidade. Esses autores motivaram o conservadorismo culturalista de Gilberto Freyre ao criticarem as consequências culturais e sociais advindas do liberalismo, que desatavam radicalmente os liames que uniam tradição e modernidade (PALLARES-BURKE, 2005, p.204).

Em outra seara, a ideia de Gilberto Freyre referente ao sistema econômico e político estadunidense ecoaria nas teorias dos conservadores norte-americanos do último quartel do século XX. O filósofo e historiador Russel Kirk (1918-1994) reiterava que o conservadorismo nos Estados

10 Em 1964, Gilberto Freyre publicou a novela *Dona Sinhá e o Filho Padre*.

11 Gilberto Freyre acentuou as suas críticas ao período da Primeira Guerra Mundial em *Apologia Pro Generatione Sua* (1941).

Unidos tinha o seu exórdio nos costumes populares regionais, assemelhando-se ao movimento conservador culturalista iniciado por Gilberto Freyre no Brasil.

Na sua análise da sociedade nacional, realçou a tendência histórica da conciliação dos extremos. A interpenetração entre o sagrado e o profano, o rural e o urbano e a tradição e a modernidade refreava ruptura radical nas relações societárias. A tentativa de reconstrução dos modos de vida culturais e materiais era primordial para discernir as funções desempenhadas pelos africanos escravizados na cultura popular. Imerso nessas hipóteses, enfatizou a continuidade histórica da comunidade, da família, da hierarquia, da religião e da autoridade. Esses temas centrais pertencentes à sua trilogia - *Casa Grande & Senzala*, *Sobrados e mucambos* e *Ordem e progresso* - pretendiam renovar a reflexão sobre a cultura da sociedade brasileira desde a Colônia até meados do século XX.

Uma das preocupações de Gilberto Freyre era refletir teoricamente sobre a tradição ibérica em país de história recente se comparado aos territórios asiáticos e europeus. Em *Casa Grande & Senzala* - ao empregar o conceito de lusitanismo para ilustrar a época “pré-nacional” - dialogou com diversos intelectuais da sua época que estavam sob a influência dos modos de vida cultural e social da Europa industrializada e liberal. Naquele contexto intelectual, procurou validar a herança do patriarcalismo sobre uma sociedade que estava a organizar incipiente industrialização.

[...] tornada aqui plural, aberta a outras culturas, conservados os valores tradicionais portugueses como o necessário lastro comum, conservada a língua portuguesa como instrumento nacional único de intercomunicação verbal entre os brasileiros de todas as regiões e de todas as procedências, não só por sentimento de tradição como por necessidade prática de articulação das mesmas regiões em nação ou, antes, em larga democracia social, conservado o cristianismo que os portugueses trouxeram a esta parte da América como a forma apolítica mas igualmente nacional ou geral - tão nacional ou geral como a língua - dos brasileiros de origens diversas se intercomunicarem se não sempre religiosamente, eticamente - e de participarem - se não religiosa, eticamente - da larga sociedade cristã de que fala T. S. Eliot. (FREYRE, 2010, p. 25)

O sociólogo recifense ressaltou a eminência da cultura lusitana para a história do Brasil ao manifestar a magnitude da conservação dos valores tradicionais portugueses - entre eles a linguagem e o catolicismo - para a unidade nacional amparados na concepção de sociedade cristã elaborada pelo dramaturgo e poeta estadunidense Thomas Stearns Eliot (1888-1965). Gilberto Freyre respaldava a consolidação de uma cultura original no Brasil ao conectar o passado com o futuro.

Esse brasileiro construtor e, ao mesmo tempo, cioso dos seus valores essenciais e tradicionais em face de

qualquer esforço de descaracterização de qualquer das nossas áreas - no Sul ou no Norte, no Centro ou no Nordeste - pede e, no momento que atravessamos, uma concentração de esforços com alguma coisa de movimento de segurança ou defesa nacional em ponto grande a animar-lhe as atitudes, as iniciativas e as reações. Estamos precisamente no instante de nos definirmos como povo independente, pela mobilização de todos os nossos recursos de cultura própria e original [...] Essas tradições de cultura constituem não só uma força que nos protege contra fáceis descaracterizações como um conjunto de valores que pedem nossa proteção. Nessa reciprocidade está todo um programa de brasileirismo: tradicionalista e, ao mesmo tempo, ativista. Conservador e criador. (FREYRE, 2010, p. 60)

Entre as décadas de 1920 e 1930, houve intensa controvérsia de tendência conservadora que procurava localizar o Brasil na história da civilização ocidental (BASTOS, 2006). Naquele período, surgiu a possibilidade da disposição do poder institucional em torno de um poder Executivo hipertrofiado para desenvolver a modernização, originando a linhagem de pensamento do conservadorismo estatista no século XX, criticado por Gilberto Freyre em *Casa Grande & Senzala*.

Ao destacar a relevância dos padrões culturais que ofereceram ao Brasil atributos ímpares perante outras sociedades do Ocidente europeu industrializado, prenunciava o descaso do conservadorismo estatista aos preceitos culturais populares que formaram a sociedade nacional, conduzindo-o à defesa dos valores contidos no conservadorismo culturalista: a família - patriarcal ou tutelar - seria uma das “grandes forças permanentes” da nação, uma vez que produziu os principais episódios da história brasileira em quatro séculos, e “[...] não em torno dos reis ou dos bispos, de chefes de Estado ou de chefes de igreja” (FREYRE, 2004, p. 78).

Tudo indica que a família entre nós não deixará completamente de ser a influência se não criadora, conservadora e disseminadora de valores, que foi na sua fase patriarcal. O personalismo do brasileiro vem de sua formação patriarcal ao mesmo tempo que cristã - um cristianismo colorido pelo islamismo e por outras formas africanas de religiosidade inseparáveis da situação familiar da pessoa; e dificilmente desaparecerá de qualquer de nós. (FREYRE, 2004, p. 78)

Gilberto Freyre indicou que durante o século XX ocorreram modificações na estrutura da família patriarcal, da Igreja Católica e do sistema de ensino. Apesar da família patriarcal estar quase extinta no Brasil, aquele tipo familiar permaneceria na figura paternalista ou de um homem providencial representado pelo “pai da pátria” ou “pai dos pobres”. Em contrapartida, a família tutelar consubstanciaria o símbolo da personalidade materna projetada no misticismo da igreja em Maria, mãe de Deus (FREYRE, 2004). Estes argumentos configuram o conservadorismo culturalista freyreano e estão presentes nas discussões políticas e sociais do Brasil contemporâneo.

A reedificação desses processos sociais está disseminada por toda a sua obra (BASTOS,

2006). Inclusive, a questão dos valores advindos do dogma cristão salientava a relevância da sensibilidade religiosa na sociedade brasileira mais ligada às paixões e à humildade franciscana do que à religiosidade mais racional (ARAÚJO, 1994).¹² Gilberto Freyre desenvolveu perspectiva cristocêntrica inspirada em suas diligências interpretativas do mundo ibérico, expondo a preponderância dos franciscanos na religiosidade em relação às concepções teológicas jesuíticas (GONZÁLES-VELASCO, 2019).

No cristianismo que Portugal transmitiu ao Brasil e que não tardou em ganhar novas cores na América, em contato com a natureza tropical, com as estrelas, com os rios com os animais e com os índios desta parte do mundo, havia alguma coisa de essencialmente franciscano e por conseguinte lírico, que se adaptou à aventura e depois à rotina do esforço português de colonização; ao espírito *aventureiro* e ao espírito *rotineiro* que não são tanto antagonismos que se defrontam - para afinal se conciliarem - dentro da nação ou da cultura portuguesa, como antagonismos que coexistem e de algum modo se harmonizam em quase todo português: na pessoa, na vida, no esforço de cada um. (FREYRE, 2010, p. 25)

Nas suas investigações sobre o iberismo, obteve destaque o conceito de “civilização luso-tropical”: “Consideramos que, a partir do luso-tropicalismo, o pensamento de Freyre assumiu expressão política em grau bastante elevado” (MEUCCI, 2010, p. 313). O luso-tropicalismo e a tropicologia são elementos primordiais para a compreensão teórica e os efeitos sociais práticos das teses de Gilberto Freyre.

O tema basilar da obra freyreana é o desvendar da cotidianidade dos indivíduos e grupos nas organizações culturais que espelham as suas experiências concretas na realidade social. Resgatou atores sociais marginalizados pela “racionalização capitalista” nacional capitaneada pela oficialidade do Estado ao constatar que eles continuavam a conviver com as suas tradições na esfera privada, sendo a “casa” o lugar onde se encontravam os seus costumes rotineiros (BASTOS, 2006, p.182). Gilberto Freyre, em entrevista concedida à socióloga brasileira Elide Rugai Bastos, demonstrou a particularidade do seu pensamento conservador.

Sou muitas vezes acusado de conservador. Mas, o que eu quero conservar no Brasil? Valores brasileiros que estão encarnados principalmente nas formas populares de cultura, formas regionais, que dêem um sentido nacional ao Brasil. É, eu sou um conservador por ser um nacionalista, conservador de valores que exprimem uma nação brasileira através de uma cultura popular brasileira. A essa cultura popular tenho dado uma valorização máxima, embora não deixe de valorizar também uma cultura da elite. (FREYRE, 2006, p. 33)

12 O termo “religiosidade mais racional” advinha das propostas efetuadas pelos membros da Companhia de Jesus, e a sua teologia estava fundamentada nos Exercícios Espirituais do basco Santo Inácio de Loyola (1491-1556), fundador da Ordem. No entanto, na opinião de Gilberto Freyre, os franciscanos não buscavam somente aperfeiçoar as virtudes da alma ou engrandecer a Ordem Franciscana, porém amalgamar o Cristianismo desenvolvido na Europa com os valores culturais de outras civilizações transportadas para o Brasil (Freyre, 1959).

Essas colocações de Gilberto Freyre resultam na formulação do “tempo trípico”: o passado, o presente e o futuro interagem e se interligam ao articularem as raízes que sustentam as relações entre tradição e modernidade (FALCÃO; ARAÚJO, 2001). A obra de Gilberto Freyre é complexa, possibilitando diversas leituras. Foram avaliadas brevemente neste artigo determinadas interpretações do seu conservadorismo culturalista, visando contribuir para os estudos acadêmicos na atualidade brasileira.

Considerações finais

A complexidade e a particularidade da obra do jovem Gilberto Freyre pode retomar as investigações acadêmicas sobre a sua ligação com a linhagem de pensamento do conservadorismo culturalista no Brasil. Procuramos evidenciar a presença daquele conservadorismo na sua ordenação intelectual através de autores que fizeram parte da construção da sua biografia no exterior na década de 1920: Matthew Arnold, John Ruskin, Arthur Christopher Benson, Patrick Lafcadio Hearn, George Santayana, William Butler Yeats e Gilbert Keith Chesterton.

O conservadorismo é uma questão em evidência na modernidade hodierna, especialmente com o advento de movimentos políticos e associações - religiosas, políticas e sociais - que arrogam a si a patente da ideologia conservadora ao fundamentarem teoricamente os seus posicionamentos políticos em autores ligados ao pensamento conservador britânico e norte-americano do século XX e da alvorada do século XXI. Gilberto Freyre esteve próximo dos conservadores clássicos, adeptos da obra de Edmund Burke. Deveras, o conservadorismo clássico e o conservadorismo culturalista freyreano possuem “aproximações e distanciamentos”, fato que contribui para uma reflexão sobre as trajetórias particulares do pensamento conservador no Brasil.

Ao captar as teorias na sua inter-relação entre passado, presente e futuro, Gilberto Freyre procurou alinhar o pensamento conservador à realidade brasileira ao reconhecer a sua cultura peculiar, que teve o seu limiar na Península Ibérica - particularmente em Portugal - e projetou a unidade do território brasileiro. A língua portuguesa e o Cristianismo acentuavam a importância da família, da hierarquia e das normas rurais que se interligaram para caracterizar algumas das singularidades do Brasil novecentista. Objetivamos demonstrar as referências teóricas do conservadorismo culturalista na formação intelectual e na biografia do jovem Gilberto Freyre, bem como a ressurgência do conservadorismo culturalista no Brasil do século XXI, que pode ter a sua inspiração na obra do mestre de Apipucos.

Referências

- ALENCAR, José de. *Cartas de Erasmo*. Rio de Janeiro: ABL, 2009.
- ALENCAR, José de. *Discursos Parlamentares*. Brasília: Senado Federal, 1979.
- ARAÚJO, Ricardo Benzaquen de. *Guerra e paz: Casa Grande & Senzala e a obra de Gilberto Freyre nos anos 30*. Rio de Janeiro: Editora 34, 1994.
- BASTOS, Elide Rugai. *Gilberto Freyre e o pensamento hispânico. Entre Dom Quixote e Alonso El Bueno*. Bauru: EDUSC, 2003.
- BASTOS, Elide Rugai. *As criaturas de prometeu. Gilberto Freyre e a Formação da Sociedade Brasileira*. São Paulo: Global Editora, 2006.
- BOAS, Franz Uri. *Antropologia cultural*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2006.
- BRANDÃO, Gildo Marçal. Linhagens do Pensamento Político Brasileiro. *Dados - Revista de Ciências Sociais*, v.48 n.2, p. 231-269, 2005. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/dados/a/DPMQDggPd76RKfzCHgTM64S/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 20.04.2020.
- BURKE, Edmund. *Reflexões sobre a Revolução na França*. Tradução de José Miguel Nanni Soares. São Paulo: Editora Edipro, 2014.
- CHACON, Vamireh. *Gilberto Freyre. Uma Biografia Intelectual*. São Paulo: Editora Massangana; Companhia Editora Nacional, 1993.
- COELHO, Claudio Marcio. *Gilberto Freyre: quando as palavras suscitam pathos, afetos e religião. Analytica – revista de Psicanálise*. v.6, n.11, p. 114-132, 2017. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/analytica/v6n11/07.pdf>. Acesso em: 19.01.2021.
- CORBISIER, Roland. *Formação e Problema da Cultura Brasileira*. Rio de Janeiro: Instituto Superior de Estudos Brasileiros, 1960.
- CORÇÃO, Gustavo. *Três Alqueires e uma Vaca*. Rio de Janeiro: Editora Agir, 1953.
- ELIOT, Thomas Stearns. *A Ideia de uma sociedade cristã e outros escritos*. Tradução: Eduardo Wolf. São Paulo: É Realizações, 2016.
- FALCÃO, Joaquim; ARAÚJO, Rosa Maria Barboza de. *Imperador das Ideias: Gilberto Freyre em questão*. Rio de Janeiro: Editora Topbooks, 2001.
- FERREIRA, Gabriela Nunes; BOTELHO, André. (orgs.). *Revisão do pensamento conservador: ideias e política no Brasil*. São Paulo: Editora Hucitec, 2010.
- FLEMING DOS SANTOS, Cleverson. *O conservadorismo de Gilberto Freyre: uma premissa compreensiva para as contribuições de sua obra inaugural*. *Revista Habitus: Revista da Graduação em Ciências Sociais do IFCS/UFRJ*, v. 13, n. 2, p. 92-110, 2016. Disponível em: <https://revistas.ufrj.br/index.php/habitus/article/view/11465>. Acesso em: 15.09.2020.
- FONSECA, Edson Nery da. *O grande sedutor. Escritos sobre Gilberto Freyre de 1945 até hoje*. Rio

de Janeiro: Cassará Editora, 2011.

FREYRE, Gilberto. *Apologia Pro Generatione Sua*. In: FREYRE, Gilberto. *Região e Tradição*. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio Editora, 1941.

FREYRE, Gilberto. *A Propósito dos Frades. Sugestões em torno da influência de religiosos de São Francisco e de outras ordens sobre o desenvolvimento de modernas civilizações cristãs: especialmente das hispânicas nos trópicos*. Salvador: Livraria Progresso Editora, 1959.

FREYRE, Gilberto. *Dona Sinhá e o Filho Padre*. Rio de Janeiro: Ediouro, 1964.

FREYRE, Gilberto. *Serei um Escritor Obsceno?* In: FREYRE, Gilberto. *Alhos & Bugalhos*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1978.

FREYRE, Gilberto. *Sobrados e mucambos. Decadência do patriarcado rural e desenvolvimento do urbano*. São Paulo: Global Editora, 2004.

FREYRE, Gilberto; LIMA, Manuel de Oliveira. *Em família: a correspondência de Oliveira Lima e Gilberto Freyre*. Campinas, São Paulo: Mercado de Letras, 2005.

FREYRE, Gilberto. *Autobiografia*. In: BASTOS, Elide Rugai. *As criaturas de Prometeu: Gilberto Freyre e a Formação da Sociedade Brasileira*, São Paulo, Global Editora, 2006.

FREYRE, Gilberto. *Assombrações do Recife Velho*. 6.ed. São Paulo: Global Editora, 2008.

FREYRE, Gilberto. *Uma Cultura Ameaçada e outros ensaios*. São Paulo: É Realizações Editora, 2010.

FREYRE, Gilberto. *Tempo morto e outros tempos – trechos de um diário de adolescência e primeira mocidade 1915-1930*. Edição digital. São Paulo: Global Editora, 2012.

FREYRE, Gilberto. *Tempo de aprendiz. Artigos publicados em jornais na adolescência e na primeira mocidade do autor (1918-1926)*. São Paulo: Global Editora, 2016.

GONZÁLES-VELASCO, Pablo. O idearium filosófico da hispanotropologia de Gilberto Freyre: uma antecipação da antropologia ibero-americana. *Ciência & Trópico*, [S. l.], v. 43, n. 2, 2019.

Disponível em: <https://periodicos.fundaj.gov.br/CIC/article/view/1820>. Acesso em: 01.10.2020.

GIDDINGS, Franklin Henry. *Principles of sociology*. New York: The Macmillan Company, 1914.

HÉLIO, Mário. *O Brasil de Gilberto Freyre: Uma introdução à leitura de sua obra*. Recife: Comunigraf, 2000.

KIRK, Russell. *A política da Prudência*. Tradução de Gustavo Santos e Márcia Xavier de Brito. São Paulo: É Realizações Editora, 2014.

KIRK, Russell. *Edmund Burke. Redescobrimo um gênio*. Tradução de Márcia Xavier de Brito. São Paulo: É Realizações Editora, 2016.

LAMOUNIER, Bolívar. Formação de um pensamento político autoritário na Primeira República: Uma interpretação. In FAUSTO, Boris (org.). *História geral da civilização brasileira*. Tomo III: O

Brasil Republicano. Rio de Janeiro: Editora Bertrand Brasil, 2007.

LYNCH, Christian Edward Cyril. Conservadorismo Caleidoscópio: Edmund Burke e o Pensamento Político do Brasil Oitocentista. *Lua Nova: Revista de Cultura e Política*. n. 100, p. 313–362, 2017a.

Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ln/a/4MhnBqZKjLwgRK3yPrHNmrh/abstract/?lang=pt>.

Acesso em: 10.10.2019.

LYNCH, Christian Edward Cyril; PAGANELLI, Pía. Gilberto Freyre's culturalist conservatism: society, decline and change in *Sobrados e Mocambos* (1936). *Sociologia e Antropologia*.

Universidade Federal do Rio de Janeiro, v.7, n.3, 2017b. Disponível em:

<https://www.scielo.br/j/sant/a/npFpkd54sgLzjs76BP3Ntvn/abstract/?lang=en>. Acesso em:

07.04.2020.

MANNHEIM, Karl. O significado do conservantismo. Tradução de Cláudio Marcondes. In:

FORACCHI, Marialice Mencarini (org.), *Karl Mannheim: Sociologia*. São Paulo: Editora Ática, 1982.

MEUCCI, Simone. (2010), O mundo português criado por Gilberto Freyre: fundamentos, efeitos e possibilidades do luso-tropicalismo nos anos 1950. In: FERREIRA, Gabriela Nunes; BOTELHO, André (orgs). *Revisão do pensamento conservador: ideias e política no Brasil*. São Paulo: Editora Hucitec, 2010.

OLIVEIRA NETO, Diomedes de. Arquitetura (neo)gótica e neocristandade: Experiência estética e formas de institucionalização da Igreja católica no Brasil (1910-1930). *Anais do CONACIR*, ano 1, v. 1, p. 123-131, 2005.

PALLARES-BURKE, Maria Lucia. *Gilberto Freyre: um vitoriano dos trópicos*. São Paulo: Editora Unesp, 2005.

RAMOS, Alberto Guerreiro. *Cartilha Brasileira do Aprendiz de Sociólogo*. Rio de Janeiro: Editora Andes, 1945.

RICUPERO, Bernardo. O conservadorismo difícil. In: FERREIRA, Gabriela Nunes; BOTELHO, André. (orgs). *Revisão do pensamento conservador: ideias e política no Brasil*. São Paulo, Editora Hucitec, 2010.

SANTOS, Wanderley Guilherme dos. *Ordem burguesa e liberalismo político*. São Paulo: Livraria Duas Cidades, 1978.

TRINGALI, Dante. Dadaísmo e surrealismo. *Itinerários: Revista de Literatura*. Unesp, p. 22-59, 1990.

SCRUTON, Roger. *Como ser um conservador*. Tradução de Bruno Garschagen. Rio de Janeiro: Editora Record, 2015.

SCRUTON, Roger. *Conservadorismo: um convite à grande tradição*. Tradução de Alessandra

GILENO, Carlos Henrique; MEDEIROS, Rodrigo Dantas de. Tradição e modernidade no Brasil: o conservadorismo culturalista de Gilberto Freyre

Bonrruquer. Rio de Janeiro: Editora Record, 2019.

TORRES, João Camilo de Oliveira. *Interpretação da Realidade Brasileira*. Brasília: Edições Câmara, 2017.